

EXPERIÊNCIAS TRANSMASCULINAS: A INGESTÃO DE TESTOSTERONA, AS MODIFICAÇÕES CORPORAIS E CONSTITUIÇÃO DE UMA IDENTIDADE MASCULINA¹.

Andressa de Freitas Ribeiro/UNILAB

Resumo: Este artigo trata do processo de ingestão de testosterona e seus efeitos em experiências transmasculinas. Para tanto, utiliza a metodologia da análise de narrativas de vida de quatro homens trans, da cidade de Salvador-Ba. O artigo fundamenta-se na análise de narrativas sobre o período de hormonização em experiências de transição entre uma expressão corporal de gênero a outra. A hormonização inicia-se após o reconhecimento da identidade de homem trans. As narrativas demonstram que o início da hormonização é marcado por uma ambiguidade corporal que os interlocutores denominam de adolescência dos hormônios. Esta ambiguidade deixa de existir a partir, principalmente, da emergência de dois signos corporais: a constituição de uma barba, através do crescimento dos pelos faciais, e o engrossamento da voz. O artigo tem por objetivo compreender esse período de ingestão da testosterona, na trajetória de vida de homens trans, e dos seus efeitos tanto físicos quanto psicossociais, interpretando as modificações corporais à luz dos significados sociais atribuídos aos corpos.

Palavras-chave: Transmasculinidades; modificações corporais; gênero.

Introdução

A título de introdução, este artigo foi construído por meio de narrativas de vida de quatro homens trans², entre 18 e 28 anos de idade, na cidade de Salvador, capital do estado da Bahia. A pesquisa se desenvolveu pelo encontro constante com esses interlocutores assim como pela realização de entrevistas abertas e em profundidade que tinham como foco a experiência transmasculina. Para abordar os temas que norteiam este artigo, recorre-se tanto aos sentidos instaurados na interação com os interlocutores quanto à análise de narrativas de vida, coletadas nas entrevistas.

A análise de narrativa, como recurso metodológico, aparece, aqui, não no sentido clássico da narratologia – ou seja, como um texto que tem início, meio e fim, com nó e desenlace, e no qual há uma intriga que leva ao desenvolvimento da estória. A narrativa comparece, aqui, no sentido que Walter Benjamin (1994) lhe atribui, no texto *O narrador*, quando diz que **narrativa** é tudo aquilo que descreve uma experiência. “O

¹Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Homens trans são pessoas que foram assignadas mulheres no momento do nascimento, mas, que, no decorrer da vida, se identificam como homens, podendo realizar, parcial ou integralmente, as mudanças em termos corporais, comportamentais e documentais necessárias ao reconhecimento da sua identidade.

narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros”. (Benjamin, 1994: 5) Toda narrativa é um ato de contar uma experiência. Falar no uso metodológico da análise de narrativas, neste artigo, é atentar, portanto, para a relação íntima que as falas dos interlocutores guardam com o ato de contar suas experiências de vida.

Além disso, a análise de narrativa mantém uma relação íntima com a interpretação. Proveniente do paradigma hermenêutico, a análise de narrativa não pretende alcançar a verdade dos fatos, ela não parte da perspectiva de que os fatos guardam em si uma verdade. Para esse paradigma, a verdade é apenas uma versão dos fatos, erigida de um determinado ponto de vista. Nesse sentido, “nossas interpretações analíticas são parciais, verdades alternativas que apontam para uma credibilidade, não uma certeza; para um alargamento do entendimento, mais do que um controle sobre os fatos.” (Riessman, 1993: 64, tradução livre).

Dito isto, este artigo aborda, através da análise de narrativas, o processo de ingestão de testosterona, e seus efeitos, a partir do momento em que há o reconhecimento, por estes interlocutores³, da identidade de homens trans. A hormonização é vista, pelos interlocutores, como o caminho para a felicidade. Isso se deve ao fato de que a hormonização causa modificações no corpo que permitirão a esses sujeitos terem as suas identidades de homem reconhecidas em ambiente social. O surgimento da barba, a distribuição da massa corpórea e a mudança do timbre de voz são exemplos de mudanças causadas pela ingestão de testosterona que contribuirão para o reconhecimento destas masculinidades diante de uma audiência (Goffman, 2009).

Os efeitos da ingestão de testosterona são tanto físicos quanto psíquicos e emocionais, mas eles variam a depender de cada organismo e do tipo de testosterona que é ingerida. Existem três tipos de testosterona que foram utilizadas e citadas pelos interlocutores desta pesquisa: o deposteron, o durateston e o nebido. O deposteron deve ser injetado de 15 em 15 dias e o durateston de 20 em 20 dias, já o nebido deve ser injetado de três em três meses. O durateston e o deposteron tem o preço mais acessível, mas são mais agressivos para o organismo. Já o nebido é um hormônio mais caro que produz um efeito mais gradual sobre o corpo e que, por isso, é menos agressivo.

³ Neste artigo, opta-se por utilizar nomes fictícios assim como por manter o uso de prenomes masculinos. Tal escolha justifica-se pelo respeito à identidade de apresentação dos interlocutores desta pesquisa e ao anonimato.

Por fim, este artigo trata do processo de ingestão de testosterona refletindo tanto sobre sua dimensão fisiológica quanto sobre sua dimensão psicossocial. O corpo só adquire sentido a partir da linguagem. É a teia simbólica da linguagem que faz determinadas partes do corpo significar desta ou daquela maneira. Assim, mexer nos contornos do corpo é mexer, também, com os contextos de significação social que viabilizam a atribuição de um status de homens a determinados indivíduos e de mulheres a outros (Csordas, 2008).

A ingestão de testosterona como um passo para a felicidade

Desde os anos trinta, esteroides anabolizantes muito próximos da testosterona eram utilizados para tratar o hipogonadismo, uma condição em que os testículos dos homens não produzem suficiente quantidade de testosterona. Antes de 1950, “o governo alemão nazi e depois o governo norte-americano são os primeiros a experimentar com a administração de testosterona em animais” (Preciado, 2008: 146). Mas é a partir dos anos 80 que a testosterona se estende como droga farmacológica na produção molecular dos corpos de bio-homens, produção muito ligada a um ideal de masculinidade (Preciado, 2008).

Nota-se que a produção em escala de testosterona e a expansão da sua utilização pela prática médica se dá justamente no momento em que a ordem simbólica baseada no dimorfismo sexual e as definições das posições de homem e mulher vinham sendo questionadas, principalmente após a emergência do movimento feminista na década de 60. Se por um lado o dimorfismo sexual vinha sendo questionado no plano social e simbólico, por outro, as práticas médicas associada à produção molecular dos gêneros atuava na produção de corpos que reforçavam cada vez mais os padrões de masculinidade ligados à força, à agressividade e à potência sexual, à guisa dos índices recordes da venda de Viagra (Preciado, 2008).

O uso em escala da testosterona em bio-homens reforçava assim os padrões de masculinidade e legitimava a diferença entre os sexos através de um determinado tipo de produção corporal. Nesse sentido, Gaudillière (2004) afirma que:

Não somente a masculinidade não está inscrita dentro da estrutura da testosterona, mas o modo de existência desta última é, mesmo nos detalhes da intervenção técnica, função das relações de gênero. Uma das consequências desta constatação é, talvez, a aceitação que as marcas hormonais não são mais

do que a cor da pele uma justificação a discriminação e hierarquia entre as pessoas (Tradução nossa). (Gaudillière, 2004: 23)

Embora a testosterona já venha sendo utilizada há mais de três décadas em terapias de substituição hormonal para homens cis⁴, até a década passada o uso de testosterona era contraindicado para mulheres cis. Só em 2004, em alguns países ocidentais, a prática médica permite a prescrição de microdoses de testosterona para mulheres que estão na menopausa. Até o momento, nenhum país ocidental tem aceitado a legalização da administração livre de testosterona às mulheres cis. Com exceção das situações em que as mulheres cis encontram-se no período da menopausa, é-se necessário abrir mão da condição de mulher para se ter acesso legalmente a testosterona.

É essa molécula não acessível às mulheres cis, exceto em situação de menopausa, e cuja produção se expandiu a partir da década de 80, que possibilitará aos interlocutores a realização de algumas das modificações corporais desejadas. Um deles chega a dizer que a ingestão de testosterona é o caminho mesmo para felicidade.

Judith Halberstam (2008) já chamava a atenção para como a masculinidade presente em um corpo lido como de mulher não é bem vista e, muitas vezes, gera estranhamento e exclusão. Se a masculinidade só é reconhecida como legítima em determinados corpos, a partir de certos signos corpóreos e se a testosterona permite a materialização corporal destes signos, é a ela que os interlocutores vão recorrer para terem suas posições masculinas reconhecidas como legítimas.

Diante de todos os constrangimentos sofridos por apresentar uma postura masculina em um corpo ainda lido como de mulher, diante de todas as interdições sofridas no que diz respeito ao seu comportamento e diante da impossibilidade de ter sua masculinidade reconhecida em função do seu corpo, Rafael, um dos interlocutores, diz:

Então, quando eu comecei a me hormonar, eu me senti melhor porque comecei a aparecer características masculinas que até então eu não tinha e melhorou a minha autoestima, porque antes eu não queria sair de casa, a voz incomodava porque era bem mais fina, agora que está engrossando um pouco, aí eu não gostava de falar, eu não gostava de me apresentar para as pessoas, porque eu preferia ficar quieto, ficar na minha, ficar mais em casa. Aí depois que eu comecei a me hormonar, eu me senti melhor, agora eu saio e passo mais despercebido, e já passo como um homem cis, então, eu posso dizer que *os hormônios são um passo para sua felicidade*, para você se encontrar, se sentir como você realmente é, para você ficar da maneira que você se sente. (Rafael)

⁴ Uma pessoa cis é aquela que se identifica com o gênero assignado no momento do nascimento. Para mais informações, ver Bagagli (2015).

Aqui, Rafael demonstra como a hormonização é esse passo para felicidade; uma felicidade que é fruto tanto de mudanças corporais que permitem que ele se veja como ele se sente, quer dizer, que exista uma adequação do seu corpo à sua autoimagem, mas também uma felicidade por poder passar despercebido, por sua masculinidade não mais provocar estranhamento tendo em vista que ela estará ancorada em um corpo com determinados signos materiais que a legitima. É a possibilidade mesmo de provocar mudanças corporais que permitem que sua masculinidade seja reconhecida pela audiência e, portanto, possa ser vivenciada sem causar constrangimento, questionamentos e situações de exclusão que fazem com que a testosterona seja essa molécula mágica capaz de reinstaurar uma sensação de conforto com seu corpo e, por conseguinte, de felicidade.

Preciado (2008) em uma narrativa autobiográfica sobre a auto-experimentação com seu corpo através da ingestão de testosterona conta sobre suas sensações ao ingeri-la:

Depois se instala, pouco a pouco, uma lucidez extraordinária da mente acompanhada de uma explosão de vontade de transar, de caminhar, de sair, de atravessar a cidade inteira. Este é o ponto culminante no qual se manifesta a força espiritual da testosterona mesclada com meu sangue. Desvanecem-se absolutamente todas as sensações desagradáveis. A diferença do ritmo, o movimento interior não é nem agitação nem ruído. Simplesmente, o sentimento de estar em adequação com o ritmo da cidade. Diferente da cocaína, não há distorção da percepção de si, nem uma vontade constante de falar, nem sentimento de superioridade. Só uma impressão de força que reflete a capacidade expandida de meus músculos, de meu cérebro. Meu corpo está presente a si mesmo. A diferença da droga ou da cocaína, não há declínio imediato. Passados uns dias, o movimento interior se acalma, mas a sensação de força, como uma pirâmide que foi desvelada por uma tormenta de areia, permanece (Tradução nossa) (Preciado, 2008, p.24).

Rafael também percebe um aumento de força quando começa a se hormonizar. Rafael já tinha iniciado um trabalho sobre o corpo, através de exercícios praticados em academia de musculação, antes de se hormonizar. Seu corpo já vinha sofrendo algumas alterações provocadas pelas musculação. Rafael diz que, de uma maneira geral, as mulheres tem os ombros curtos e o quadril largo e ele sempre teve um quadril largo, mas malhar seu corpo fez com que seus ombros se tornassem mais largos. Antes de malhar, quando ele vestia uma blusa de corte masculino, a costura da manga sempre caía abaixo dos ombros, mas com a musculação chegou um momento que a costura da manga caía perfeitamente em seu ombro. Os ombros cresceram de modo que, embora seu quadril não tenha diminuído, ele se tornou menos perceptível diante da largura dos ombros.

Malhar sempre proporcionou a Rafael muito prazer justamente pelo resultado que ele via no seu corpo. No entanto, ele comenta que tinha muita dificuldade de malhar braço e que, quando começou a ingerir testosterona, sentiu um aumento da sua força na parte superior do corpo. Rafael diz que, na academia, as pessoas ficavam impressionadas com a quantidade de peso que ele era capaz de levantar com as pernas. Ele levantava uma quantidade de peso maior do que todas as mulheres e homens da academia. No entanto, por mais que se esforçasse, ele não conseguia levantar a mesma quantidade de peso que os homens levantavam com os braços. Depois que ele passa a ingerir testosterona, ele adquire uma força que o habilita a levantar tanto peso quanto, ou mais que, os homens cis que malhavam no mesmo local.

Apesar de reconhecer o crescimento da força principalmente no que diz respeito aos membros superiores, Rafael diz que as mudanças que aconteceram no seu corpo não foram frutos isolados da testosterona, mas da força que a testosterona lhe proporcionou e do trabalho sobre o corpo através da musculação. Provavelmente, a testosterona isoladamente teria provocado algum nível de redistribuição da sua massa corporal, dos níveis de gordura, mas não seria capaz de produzir o corpo másculo que Rafael hoje possui.

Rafael nunca fala do seu corpo antes da ingestão de testosterona como um corpo que não é dotado de força, como se a força fosse um atributo só do corpo designado masculino. Para ele, a testosterona foi só um potencializador da força que seu corpo já possuía. Além disso, ele nem mesmo chega a supor que antes da testosterona ele tinha menos força do que os homens da academia. No seu relato, o que evidencia-se é que os homens tinham mais força no braço, mas ele tinha mais força nas pernas, mesmo sem o uso de testosterona, portanto os homens cis ali não eram mais fortes do que ele. Ser mais ou menos forte dependia de que região do corpo se tratava. Em seu relato, não era um axioma a ideia de que o homem cis é sempre e necessariamente mais forte do que uma mulher cis ou um homem trans, mesmo que este ainda não tenha iniciado a hormonização

Ainda assim, o aumento da força é uma mudança que a maior parte dos interlocutores aludem ao falar sobre as mudanças provocadas através da hormonização, mas esse aumento não é abrupto e nem mesmo constante, em alguns interlocutores ele só foi sentido nos primeiros meses de ingestão de testosterona. Ele também não se dá de um corpo que não é dotado de força e passa a sê-lo, não é uma mudança de condição, é uma

mudança sutil, no grau da sensação de força. Um dos interlocutores chega mesmo a apresentar certa decepção com a ingestão de testosterona.

Paulo aprendeu a aplicar a testosterona com a cuidadora de sua avó que tem um curso técnico em enfermagem. Ela o ensinou a se autoaplicar na perna, porque as farmácias já não possuem mais autorização legal para aplicar injeção. Ele inicia injetando durateston de 15 em 15 dias e só depois passa a injetar nevido. Ele conta a partir do quadril cinco dedos para baixo e aplica em uma região de músculo, o que faz não doer. Como o durateston é oleoso, é necessário que seja uma agulha específica de trinta centímetros por sete. Após um mês de aplicação Paulo diz não sentir absolutamente nada. Ele diz:

P - Dizem que você sente a libido aumentar, você sente rouquidão, você sente não sei o quê. Eu não senti nada. Não senti absolutamente nada.

A - Mas, você não acha que um mês é muito recente?

P - É porque tem gente que diz que já sente, por exemplo, mudança no temperamento, que fica mais irritado. Não fiquei. O máximo que eu percebi é que eu fiquei muito empolgado nas duas primeiras semanas, mas depois eu me desempolguei. Mas isso também pode ser mais psicológico, “de que você já está injetando”, porque quando eu injetei de novo, eu senti a mesma coisa, fiquei super empolgado. Senti também vontade de malhar, mas eu acho, para mim, que isso é mais efeito psicológico do que realmente essas mudanças bruscas. Porque o que acontece com o dura? O “dura” e a “depo” injeta muita testosterona no início e quando chega na segunda semana já cai bruscamente o nível da testosterona. Então, você recebe muita testosterona no início e depois quando passa não fica quase nenhuma. Então, não fica muito tempo no corpo. Então, o que acontece, na primeira injeção você fica bem empolgado, né?! Com aquela libido, né?! Fica com o temperamento violento, mau-humor[...].

A - Mas você sentiu isso?

P - Não senti não [muitos risos]. É isso que eu estou falando, não senti porra nenhuma. Já tem gente que reclama que dói pra caralho e não sei o quê, no máximo o que eu senti foi coçando a área e senti um pouquinho dolorido, mas não senti porra nenhuma, foi até decepcionante, porque eu estava esperando virar tipo Huck da vida.

Em outra fala despreziosa, Paulo afirma que seu corpo não produz testosterona. A ideia de uma mudança abrupta, de ser tomado por uma força descomunal ainda desconhecida por ele, coaduna com a suposição de um corpo que não produz testosterona e passará a ter e, talvez, com a ideia de uma bipolaridade no que diz respeito à maneira que ele percebe o homem e a mulher. A suposição que o homem cis tem uma força que ele jamais conheceu ou em um grau muito maior do que a que ele já pôde experimentar até então leva à expectativa de que a testosterona o transformará em um verdadeiro Huck.

No entanto, o que Paulo experimenta é uma mudança gradual e sutil, quase que inicialmente imperceptível, provocada pela testosterona. Supunha-se que a testosterona

fosse lhe dar passagem para uma masculinidade hiperbolizada que é, em geral, suposta pelas mulheres cis àqueles que possuem um corpo lido como masculino. Em geral, as normas culturais e os contextos simbólicos valorativos levam à suposição de que o homem cis tem uma força desconhecida pelas mulheres cis e que elas jamais vão alcançar.

Lucas também comenta dessa mudança gradual: “a diferença foi tão devagar, sabe? Foi tão sutil que eu não senti acontecer de fato”. No entanto, Lucas também diz que o acúmulo dessas pequenas mudanças, no fim de seis meses de hormonização, fez surgir uma diferença perceptível de modo que se dar conta dessa diferença foi quase um choque.

Nos primeiros três meses as mudanças não foram muito perceptíveis. Lucas começou a sentir certa mudança no humor, o aumento da agressividade e aumento da libido. Do terceiro mês em diante, ele começou a perceber uma redistribuição da sua massa corporal, o nascimento de pelos e uma rouquidão na voz de modo que, no sexto mês de hormônio, ocorre uma mudança corporal perceptível. Lucas diz não saber afirmar, no entanto, se as variações de humor, o aumento de atitudes agressivas tinha a ver só com o hormônio ou com todo o stress emocional que a transição lhe causou:

Tipo é complicado afirmar tanto comportamento quanto psicologicamente falando o que foi o hormônio e o que foram as mudanças, porque quando você começa a se ver diferente e ser tratado diferente você muda muita coisa, né? Então, eu não sei dizer exatamente o que de fato foi o hormônio e o que de fato foram as mudanças que o hormônio proporcionava e causava outras reflexões, sabe? Por exemplo, é eu sei que foi o hormônio que me deixou mais agressivo, eu fiquei visivelmente mais agressivo e, durante os seis primeiros meses de testosterona, eu não sabia lidar com minha agressividade, porque eu não conseguia controlar, eu não conseguia medir minha agressividade. Então, foi complicado e foi um período meio chato, foi um período que eu estava brigando muito com minha ex-namorada, então eu tive processos complicados. Eu percebi que o hormônio me deixou mais ansioso com algumas coisas. Mas, eu também não sei se foi só o hormônio ou se foi o fato de a transição proporcionar um estresse emocional e estresse emocional traz ansiedade, então, eu não sei o quanto disso foi diretamente hormônio e o quanto foram as consequências. Por exemplo, antes eu era muito quieto, agora já estou mais agitado, porque eu me sinto mais confortável de fazer as coisas, de falar, sabe? Antes, eu sentia que o meu desconforto com meu próprio corpo me limitava com relação a todo o resto. Agora assim, tudo bem, eu ainda sinto desconforto com algumas coisas, porque eu não sinto que a minha transição está completa, mas eu consigo interagir muito melhor. Mas eu também não sei se isso foi o hormônio ou se isso foi consequência das mudanças que o hormônio trouxe. É difícil medir isso, porque acontece ao mesmo tempo, tudo junto. Eu tive muitos problemas no início também para identificar exatamente o que estava acontecendo comigo, porque era um milhão de coisas acontecendo comigo ao mesmo tempo. Porque o meu corpo estava mudando, minha voz estava mudando, a forma como eu me sentia comigo mesmo estava mudando, minha libido, a forma como as pessoas me tratavam diferente. Então, eu não consegui, psicologicamente, acompanhar tudo aquilo, sabe? Era muita informação para mim, mas eu fui me acostumando. No início, foi um choque muito grande. Os seis primeiros meses foram difíceis, mas, depois, foi melhorando, foi ficando mais leve. (Lucas)

Lucas traz essa questão, na sua fala, sobre o que é fruto do hormônio e o que é fruto das mudanças provocadas pelo hormônio. Se por um lado existe as mudanças fisiológicas provocadas pelo hormônio, existe também a mudança na autopercepção provocada pelas mudanças hormonais e mesmo a mudança na maneira como os outros ou a audiência o percebe. A maneira como ele é percebido pela audiência também gera uma mudança na sua autopercepção, nas suas sensações e na maneira como ele lida com suas emoções (Goffman, 2009).

Lucas, por exemplo, não sabe dizer se a ansiedade é fruto de uma mudança fisiológica ou de todo o contexto de transformação e mudança no qual ele se vê enredado no momento da transição⁵. Talvez, o que a fala de Lucas elucide é que não existem as mudanças hormonais e a parte delas as mudanças psicológicas, sociais e comportamentais, mas que todas essas mudanças acontecem ao mesmo tempo e uma influencia a outra. A divisão entre biologia, psicologia, vida social é, antes de tudo, uma ficção linguística. Na totalidade existencial que é a vida, elas estão juntas, ou melhor, nunca se separaram.

Lucas também fala de uma espécie de adolescência dos hormônios. Segundo ele, bem no início a libido aumenta de maneira sutil, depois ocorre um aumento significativo na libido e depois de um ano de testosterona, a libido cai e se estabiliza, nas suas palavras, volta ao normal. O mesmo se dá com a agressividade e com a irritabilidade, existe um momento de pico em que agressividade cresce e ele não sabe mesmo como lidar com isso, mas depois seu humor retorna ao normal e permanece estável. Esse momento de variação muito grande tanto na libido quanto no humor é o que Lucas chama do período de adolescência do hormônio, um período passageiro que caminha para certa estabilização.

Se Lucas, do mesmo modo que Paulo, afirma categoricamente que: “com um mês de hormônio tá igual, não tem diferença nenhuma. Absolutamente nenhuma.” Jorge já diz: “desde que eu comecei a hormonização, em um mês você já começa a perceber a mudança no corpo todo, os pelos demoram um pouco mais, de uns seis meses para cá começou a nascer alguma coisa”.

⁵ A transição é justamente este momento de revisão do passado e de projeção de um futuro e se inicia, na materialidade do corpo, a partir do reconhecimento da identidade de homem trans. Em consonância com as mudanças subjetivas, a transição provoca mudanças no corpo; o corpo se torna o veículo para a expressão de uma nova identidade. A intervenção no corpo e a sua transmutação é a base do processo de transição. Para mais informações, ver (Autoria própria).

Quando Jorge começa a tomar hormônio, ele sente uma série de mudanças no seu corpo, como, por exemplo, aumento na libido, certo aumento da agressividade e, já com um tempo maior de hormonização, redistribuição da massa corpórea, certo crescimento do clitóris e o crescimento tímido dos pelos. Jorge também comenta sobre a questão do comportamento e da agressividade, para ele, a diferença comportamental entre homens e mulheres é absolutamente uma questão hormonal. Ele diz:

Assim, eu acho que tem uma questão: é a questão comportamental de homem e mulher, não é só a questão de padrões sociais, tem uma questão muito, acho que, por exemplo, a questão de hormônio, por exemplo, influencia muito na maneira como o homem e como a mulher se comporta. Eu antes da transição já era como eu sou, porém, após a transição, com o hormônio e tudo o mais, eu pude entender mais muitas ações dos homens cis, por conta da influência dos hormônios no corpo e no cérebro. Ele muda muito seu cérebro também, a percepção das coisas, a forma de se comportar, tudo isso vem do hormônio. E a questão da mulher ser mais sensível, do homem ser menos sensível digamos assim, não é que seja menos sensível, mas tem uma forma de expressar sentimento diferente. Acho que é uma questão toda hormonal, a diferença é essa. Comportamental do homem e da mulher, fora isso, essa diferença, a questão do corpo, eu acho que não existe muita diferença entre ser homem e mulher, além da questão hormonal e de comportamento que influencia. O homem é mais viril digamos assim e a mulher é mais sensível. Tem essa polêmica de que homem chora sim, ele pode até chorar, mas que ele chora muito menos, ah, isso é verdade! A gente como trans percebe isso, antes da transição eu era muito mais sensível, mais sentimental e eu percebi que isso foi influência hormonal, mexe muito com o cérebro tanto que quando você começa a hormonização, você fica mais sem paciência, você fica mais agressivo, é um dos pontos que você precisa de acompanhamento psicológico, porque você fica mais sem paciência com as coisas do dia a dia, explode mais fácil e isso vai desenvolvendo em sua cabeça, por isso que o homem é mais explosivo, é totalmente questão hormonal. (Jorge)

Jorge apresenta, aqui, uma perspectiva determinista no que diz respeito à atuação do hormônio no corpo. Para ele, as emoções, a sensibilidade, agressividade, a falta de paciência tudo isso é efeito da testosterona. O comportamento seria, na sua perspectiva, o resultado direto da ação da testosterona sobre o corpo. Em muitas narrativas, surge a associação do hormônio com a agressividade e com o aumento da libido. Mas, Lucas, um dos interlocutores com mais tempo de hormonização, diz que tanto o aumento excessivo da agressividade quanto da libido foram momentâneos, tanto é que ele caracteriza esse período como uma espécie de adolescência do hormônio. Assim, questiona-se se o aumento da agressividade é um efeito direto da testosterona ou fruto de certa instabilidade metabólica gerada pela ingestão de testosterona.

É notório também como a percepção de Jorge sobre o seu processo está fundamentada em estereótipos como, por exemplo, o estereótipo de que “homem não

chora” e como ele recorre à testosterona para fundamentar esses estereótipos. Suponhamos, entretanto, que, embora a auto-observação do seu comportamento seja conduzida por estereótipos — ou por máximas culturais como, por exemplo, homem não chora —, tenha ocorrido uma mudança de sensibilidade com a ingestão da testosterona. Essa mudança de sensibilidade pode ser atribuída somente à substância? Ainda que a substância tenha uma interferência nessa mudança de sensibilidade, o fato de, por exemplo, Jorge passar a ser reconhecido pela audiência como um homem legítimo em função dos traços corporais que ele adquiriu não reforçaria uma gestão das emoções baseado naquilo que a audiência espera de um homem, quer dizer, “homem não chora”?

Sobre isso, Preciado (2008) diz:

A este caos epistêmico temos que refletir sobre alguns dados que emergem da investigação científica: a testosterona aumenta o desejo de fumar, mas o consumo de cigarros baixa a produção de testosterona, a testosterona aumenta a agressividade e a libido, mas atuar de maneira agressiva e transar aumenta os níveis de testosterona. O stress inibe a produção de testosterona. Em definitivo estamos diante de um extenso domínio de não-saber e de possíveis intervenções técnico-políticas. (Preciado, 2008: 148)

Aqui, organismo, coexistência e ambiente podem produzir entre si uma espécie de ressonância. A mudança na percepção, na forma de expressar os sentimentos é fruto do hormônio em ressonância com uma maneira diferente de ser percebido e de estar no mundo. Nota-se que aquilo que é atribuído a um composto molecular tão interno ao corpo é o que é repetido incansavelmente, no campo da cultura, pelos pais aos filhos e o que é esperado, quase consensualmente pela coletividade, dos homens cis e dos homens trans que já tem passabilidade, quer dizer, “homem não chora”. Cabe pensar, aqui, como ser homem e ser mulher exige maneiras diferentes de expressar os sentimentos ou como o gênero enquanto sentido-direção implica em uma gestão particular das emoções (Autoria própria).

O que as narrativas mostram é que os efeitos da testosterona dependem tanto do tipo de hormônio que se toma - existem diferenças no tempo e modo dos efeitos provocados pela nebido, pela durateston e pelo deposteron - como também de como o hormônio reage em cada organismo. Paulo, por exemplo, fez uso do nebido e teve seu ciclo menstrual interrompido apenas no quinto mês de uso. Lucas tomou deposteron e teve seu ciclo menstrual interrompido no primeiro mês. Jorge tomou deposteron como Lucas e no fim de seis meses praticamente não tinha pelos no rosto enquanto Lucas já

tinha seu rosto praticamente todo coberto de pelos. O efeito do hormônio varia então de organismo para organismo.

A fala de Preciado (2008) incita a pensar não só na relação entre hormônio e organismo, mas na relação entre hormônio, organismo e ambiente. O organismo, neste sentido, não pode ser visto como um ente isolado do mundo. Quando ela traz exemplos de que a testosterona aumenta no organismo quando se cultivam atitudes agressivas ou que ela diminui ao fumar, ela atenta justamente para o fato de que a taxa de hormônio varia a depender da relação do organismo com o ambiente via comportamento. E o que é o comportamento senão a extensão temporal e espacial do corpo no mundo? (Merleau-Ponty, 1994)

A testosterona não pode ser vista, neste sentido, como um ente isolado, que carrega um valor em si independente da relação que estabelece com o organismo e da relação que este estabelece com o mundo. Se o homem cis possui no estágio atual da espécie uma quantidade maior de testosterona no seu organismo do que a mulher cis, essa característica não deve ser percebida como essencial e imutável, mas como resultado de condições adaptativas que se desenvolveram no decorrer da trajetória da espécie humana e que envolveram relações específicas e contingentes entre organismos e ambiente (Ingold, 2005).

Durante o último século, a ciência moderna se esforçou para produzir e legitimar a diferença sexual no nível mais interno e molecular do organismo. Esse esforço é baseado na suposição de que a diferença sexual, e tudo que se supõe derivar dessa diferença, é imediatamente determinada por partículas cada vez menores e isoladas. Da anatomia às gônadas, das gônadas aos hormônios e cromossomos. É essa perspectiva de uma substância isolada que contém em si total poder de determinação das diferenças corporais e comportamentais que vimos orientar a interpretação de Jorge sobre si.

Duas perspectivas distintas coexistem na sua fala quando ele diz: “Eu antes da transição já era como eu sou, porém, após a transição com o hormônio e tudo o mais, eu pude entender mais muitas ações dos homens cis, por conta da influência dos hormônios no corpo e no cérebro”. Aqui, embora ele afirme que antes da transição ele já era como ele é, quer dizer, um homem, ao mesmo tempo ele supõe existir uma dimensão particular da existência corporal do homem cis ao qual ele não tinha acesso antes da hormonização. E ele só vai acessar essa dimensão que faz do homem um homem através do hormônio, da testosterona.

É essa molécula, para Jorge, que sustenta a especificidade do homem em relação à mulher e que ele traduz na agressividade, na contenção das emoções; uma diferença na percepção que ele chega a fazer um link com uma diferença cerebral fundamentada na diferença hormonal. Veja, se até antes da hormonização, ele não possuía essas características como ele possui agora e se, para ele, são elas que caracterizam a especificidade de um homem, como, então, ele pode se autoafirmar homem antes mesmo de transicionar?

Aqui, o paradigma do determinismo biológico, do qual Jorge se vale para interpretar sua própria experiência, ofusca a possibilidade mesmo desta experiência. Tamanha é a força do paradigma do determinismo biológico que mesmo algumas pessoas cuja vivência questionam esse paradigma precisam ou tendem a recorrer-lhe para interpretá-la. A sua vivência entra, então, em contradição com o repertório interpretativo que ele tem acesso para pensar sobre sua própria experiência.

A adolescência dos hormônios e a ambiguidade corporal

Se Lucas fala de uma adolescência dos efeitos dos hormônios, ele também diz de uma espécie de adolescência corporal quando as mudanças corporais provocadas pelo hormônio são tão sutis que ele passa a ser percebido como um adolescente de treze anos, apesar de ter 18, e não como um homem. Sobre isso ele diz:

Porque até ficar com cara de pelo ficava estranho, porque ficava aquela coisa meio, não sei meio pelo de braço, sabe? E eu não gostava. E eu achava que quando eu estava sem barba as pessoa me tratavam mais no masculino do que quando eu estava com barba, porque quando eu estava com barba as pessoas me tratavam como criança, aquele pré-adolescente que começa a ter alguma coisa no rosto, sabe? E eu já estava com dezoito. Então, eu preferia ficar sem barba do que ser tratado como adolescente de treze anos. (Lucas)

Esse período, a que Lucas chama de uma espécie de adolescência dos hormônios, é também reconhecido por ele, e por outros interlocutores, como um período de certa ambiguidade corporal. Esse é o período quando existe uma mistura entre características ainda consideradas femininas e características consideradas masculinas e/ou quando as características masculinas ainda não se apresentam como bem definidas. Paulo fala desse período com grande desânimo e comenta o fato de ora ele ser tratado no masculino ora no feminino, de ora sua voz, ao telefone, ser tomada como masculina e ora como feminina.

Esse período é permeado por muita ansiedade de modo que um dos interlocutores chegou a desenvolver crise de pânico a ponto de só conseguir sair de casa sob efeito de medicação. Lucas não desenvolveu crise de pânico, mas desenvolveu uma imensa ansiedade. Para ele, toda esta ansiedade está relacionada, primordialmente, ao desejo de ser reconhecido como homem, mas ainda não possui uma aparência que sustente esse reconhecimento.

Essa ansiedade é sentida, principalmente, nos ambientes onde os marcos da diferença de gênero são mobilizados, é o caso dos banheiros públicos. Lucas, por exemplo, diz já ter se preocupado muito com o banheiro ao ponto de desenvolver certa paranoia que contribuiu para o que ele chama de crise de ansiedade.

A: Qual era a paranoia em relação ao banheiro? O que é que você sentia?

L: Porque no início você fica com aparência meio ambígua, meio andrógino e aí eu não me sentia confortável no banheiro feminino, mas eu tinha medo de entrar no banheiro masculino, porque, não sei, sabe? Tinha medo de retaliações em geral. E aí por causa disso durante muito tempo eu fiquei sem usar banheiros públicos, inclusive do lugar que eu estudava, eu não usava o banheiro. Eu ia antes de sair de casa, me segurava, quando chegava em casa eu ia ao banheiro. Depois, quando eu já estava com aparência um pouco mais masculina, eu comecei a usar o banheiro masculino claro, sem problemas. Não sei, às vezes, você fica meio preocupado com coisas que você sabe que não vai acontecer, mas ainda assim te preocupa.

Os banheiros são terrenos precários para as pessoas trans que estão no início do processo de hormonização. A decisão de em qual porta entrar não é simples nem óbvia. Se um homem trans, por exemplo, no início da transição entrar no banheiro feminino, ele correrá o risco de ouvir comentários hostis ou ser expulso pelas mulheres alarmadas com o homem que entrou, por outro lado, entrar no banheiro masculino e ser percebido como mulher gera outros riscos (Saloman, 2010).

Para Saloman (2010) as figuras estilizadas que ficam na porta dos banheiros não fazem meramente referência à divisão binária de gênero, mas são ícones abstratos de gênero que mais do que representar uma ação ou uma atividade instauram uma ontologia através da diferenciação. A segregação dos banheiros é, neste sentido, uma instanciação de um sistema binário de gênero.

Boa parte dos interlocutores afirmou que quando seus corpos ainda apresentavam uma aparência ambígua, a primeira reação das pessoas era olhar para os seios porque eles iriam dizer se aquela pessoa era um homem ou uma mulher e, portanto, reestabelecer a segurança perceptiva do contexto interacional. Os seios aparecem como o elemento mais

visível capaz de definir o gênero destes sujeitos quando seus corpos e performances não eram capazes de prover, aos seus interlocutores, em uma interação, uma segurança perceptiva no que diz respeito à posição dual dos gêneros.

O binarismo de gênero é um dos eixos que conduzem a conduta dos sujeitos nos contextos interacionais. Assim, a ambiguidade corporal, provocada no início da hormonização, gera uma perturbação no *status quo* tanto das relações que se dão face a face quanto em contextos interacionais mais amplos (Goffman, 2012). A ambiguidade corporal, fruto do que alguns interlocutores chamam do período de adolescência dos hormônios, perturba um dos principais eixos – o gênero – pelos quais as pessoas orientam suas condutas na vida cotidiana - e que é tão constitutivo do comportamento social que, muitas vezes, ganha o estatuto de uma condição ontológica (Butler, 2008).

É essa perturbação no *status quos* das relações que se dão face a face, é essa perda de referência do binarismo de gênero nos contextos interacionais, que coloca estes sujeitos em uma situação de não lugar. E é essa situação de não-lugar ocupada por seus corpos quando estes ainda apresentam certo grau de ambiguidade que geram, no início do processo de hormonização, as crises de pânico e ansiedade vivida por alguns dos interlocutores.

Se esse momento de ambiguidade corporal traz angústia, a cada traço de masculinização do corpo, os interlocutores se sentem mais confortáveis e satisfeitos consigo mesmos. A redistribuição da massa corporal, a diminuição do quadril e das curvas, o aumento do tônus muscular associado à musculação, as vestimentas, os acessórios, tudo isso já inicia o processo de reconhecimento destas masculinidades no campo social. Mas a emergência de dois signos corpóreos, causada pela ingestão de testosterona, é fundamental para que os interlocutores adquiram passabilidade, quer dizer, o direito de passar, de circular, sem terem suas masculinidades colocadas em questão. Esses signos corpóreos são a barba e a mudança do timbre da voz.

Paulo, um dos interlocutores, chega ao fim dos nossos encontros afirmando que as modificações corporais mais perceptíveis causadas pela testosterona foram o aumento dos pelos faciais – o início de constituição de uma barba - e a mudança da voz. Essas mudanças, no entanto, se deram de maneira gradativa de modo que, até a barba ser constituída, ora ele era reconhecido como homem ora como mulher. A constituição da barba aparece, então, como um divisor de águas no modo como as pessoas que interagem com Paulo passam a reconhecer e legitimar a sua masculinidade e a sua posição de homem na interação social.

O mesmo aconteceu com Lucas e Jorge. Na medida em que os pelos faciais cresceram de modo a formar uma barba e a voz sofreu uma alteração no timbre, as pessoas passaram, instantaneamente, a validar suas posições de homens na cartografia social. A legitimação do outro na interação acaba, também, por reforçar um senso de segurança de si relativa às suas identidades masculinas. A barba e o engrossamento da voz apareceram, portanto, como os principais signos corpóreos que permitiram que eles fossem reconhecidos como homens.

Sobre a voz, em um pequeno texto chamado *The Voice*, Joy Ladin (2010), mulher trans, narra todos os esforços que ela fez para adquirir uma voz feminina como, por exemplo, as aulas de canto e os exercícios de repetição de vozes femininas na frente do espelho. No início do texto, Ladin (2010) chama a atenção para como quando um homem transexual toma testosterona as suas cordas vocais se alongam e sua caixa vocal se expande, baixando o tom e deslocando o timbre para uma escala masculina. Mas, o estrogênio não tem efeito sobre a voz de uma mulher transexual.

Joy Ladin afirma que todos os passos tomados por ela para encontrar sua voz feminina só fez crescer seu desconforto, lembrando-a, toda vez que ela abria a boca para falar, a diferença entre o que ela era e o que ela queria ser. Mas, de acordo com sua professora de teatro, o único caminho para ela encontrar sua voz feminina era realizar que não existe diferença entre o que ela é e o que ela quer ser. A sua futura voz não era algo que ela deveria se esforçar para adquirir, era algo para ela relaxar através, para aceitá-la em toda sua rouca imperfeição. Ladin (2010) diz: “Eu encontrei minha voz falando como eu mesma” (tradução nossa). (Ladin, 2010: 254).

Todo esses depoimentos mostram como a voz é um importante marcador de gênero. E a maneira pelas quais as pessoas se conectam umas com as outras passa pelo gênero de modo que Ladin diz: “Minha voz masculina não era mais capaz de me conectar com as pessoas, isso confirma meu total isolamento” (Tradução nossa). (Ladin, 2010: 252) Aqui, a sua voz codificada como masculina comunica sua presença de tal maneira que Ladin não consegue mais se conectar às pessoas através dessa voz. É interessante pensar como a voz é esse elemento de conexão com às pessoas e como, portanto, esse modo de expressão do corpo – a voz - é também modulado, afinado, de acordo com os contextos interacionais; a maneira como a voz se apresenta, assim como o corpo, é, desde sempre, relacional, fruto de uma intercorporeidade.

Voz e pelos faciais são, então, elementos cruciais na decodificação do masculino. Sobre isso Preciado (2008) diz:

É espantoso que no Ocidente, no princípio do século XXI, em uma sociedade extremamente high-tech na gestão da reprodução, a decodificação do gênero se reduza ao pelo facial e ao timbre da voz. Digamos, então, que o pelo facial e a voz, e não o pênis ou a vagina, nem os cromossomos X ou Y, são os significantes culturais de gênero dominantes em nossa sociedade (Tradução nossa). (Preciado, 2008: 149)

A mudança da voz, o crescimento da barba e a redistribuição da massa corporal já dotam os homens trans entrevistados de certa passabilidade. Quanto mais as características do corpo de um homem trans se aproxima da do corpo de um homem cis, mais ele pode passar despercebido, sem que a junção entre seu corpo e sua masculinidade cause estranhamento. Neste sentido, o surgimento da barba e o engrossamento da voz, provocados pela ingestão de testosterona, foram fundamentais para que os interlocutores desta pesquisa pudessem vivenciar sua posição masculina sem maiores questionamentos, ou seja, para que eles pudessem alcançar passabilidade. Daí a hormonização ser caracterizada, por alguns interlocutores, como o caminho para a felicidade.

Considerações Finais

Este artigo abordou o processo de ingestão de testosterona em trajetórias de vida de homens trans. A ingestão de testosterona marca um passo importante na etapa de transição de um gênero a outro e só se inicia após tomada de consciência da identidade de homem trans. Se o uso de roupas masculinas, com corte reto que recobre o contorno do corpo, o acesso a artefatos como a faixa – uma espécie de atadura utilizada para achatar os seios e simular um peitoral masculino – e o pack – uma espécie de pacote utilizado como inchamento na parte genital – assim como o corte curto do cabelo já iniciam a composição de uma expressão corporal masculina, a hormonização marca uma segunda etapa desta composição.

O fato da ingestão de testosterona, diferente do recurso a artefatos externos, causar um impacto na fisiologia do corpo faz com que a decisão de iniciar a hormonização ganhe uma densidade maior. A decisão de atuar na transformação das características físicas do corpo demanda uma reflexão mais detida e profunda. Em geral, a decisão é tomada com intuito de alcançar uma transformação corporal que permita a esses sujeitos terem sua identidade masculina reconhecida e validada por seu ambiente social. A hormonização

marca, portanto, uma espécie de passagem entre uma e outra expressão corporal de gênero.

Esse momento de passagem, de liminaridade, provoca uma perturbação no tecido social. As teias de significados que tecem as relações sociais fundamentam-se em atributos corporais que carregam significados em termos de gênero. Neste sentido, quando um corpo, afetado pela ingestão de testosterona, começa a se modificar, mas não a ponto de conformar uma imagem com contornos sólidos do que é, socialmente, considerado masculino, ele produz um efeito de dissenso nas cenas de interação social. Esse dissenso, essa confusão, que interpela a cena interacional produz uma imensa angústia e ansiedade nos interlocutores.

O processo de ingestão de testosterona, então, passa por esse período de certa mistura de traços de gênero, que alguns interlocutores chamam de adolescência dos hormônios ou ambiguidade corporal, quando os atributos de um corpo considerado masculino ainda não se constituíram por completo. A constituição de uma barba, através do crescimento dos pelos faciais, e o engrossamento da voz aparecem como signos corpóreos preponderantes para o reconhecimento de um corpo como masculino. Esses signos são marcos que demonstram que a passagem de uma identidade corporal a outra ocorreu. Assim, os interlocutores adquirem passabilidade, quer dizer, passam a poder circular sem terem suas identidades masculinas questionadas quando adquirem barba e a voz engrossa.

Por fim, as narrativas mostram que os efeitos da ingestão de testosterona precisam ser balizados com a dimensão social e psíquica dessa transformação corporal. A testosterona nos convida a pensar sobre o limiar entre o biológico e o social. Se por um lado a testosterona tem um efeito sobre o corpo, o uso do corpo, como bem sustenta Preciado (2008), também tem um efeito sobre as taxas de testosterona. Assim, é importante pensá-la não como um ente isolado, que carrega um valor em si, mas a partir da sua relação com o organismo e o ambiente. Como diria Ingold (2000), é preciso “substituir a antiga dicotomia da natureza e cultura por uma sinergia dinâmica de organismo e ambiente, para se ser capaz de recuperar uma genuína ecologia da vida” (Ingold, 2000: p.3).

Referências Bibliográficas

BAGAGLI, Bia Pagliarini. Em resposta à repercussão do texto “O (cis)gênero não existe”. *Blog Transfeminismo: feminismo intersecional relacionados às questões de*

gênero. 2015. [<https://transfeminismo.com/retrospectiva-de-textos-publicados/> - acessado em 3 jan 2016]

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1994, pp. 197-221.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008.

CSORDAS, Thomas. *Modos somáticos de Atenção. Corpo, Significado e Cura*. Porto-Alegre, UFRGS Editora, 2008.

GAUDILLIÈRE, Jean-Paul. On ne naît pas homme... À propos de la construction biologique du masculine. *Mouvements* (31). Revue Virtuelle, 2004, pp.15-23. [<https://www.cairn.info/revue-mouvements-2004-1-page-15.htm> - acessado 5 ago 2018]

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Editora Vozes, 2009.

_____. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Rio de Janeiro, vozes, 2012.

HALBERSTAM, Judith. *Masculinidad Femenina*. Barcelona, Editorial EGALES 2008.

INGOLD, Tim. Cultura, Natureza e ambiente: passos para uma ecologia da vida. [Edição desconhecida], 2000, pp. 1-20.

_____. Jornada ao longo de um caminho de vida — Mapas, descobridor-caminho e navegação. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 2005, pp. 76 – 110.

LADIN, Joy. The Voice. In: BORNSTEIN, Kate; BERGMAN, S. Bear (orgs.). *Gender Outlaws: the next generation*. Berkeley, Califórnia, 2010, pp. 247-254.

MERLEAU-PONTY, Maurice. A espacialidade do corpo próprio e a motricidade. In: *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo, Martins Fontes, 1994, pp. 143-204.

PRECIADO, Beatriz. *Texto Yonqui*. Madrid, Editora Espasa Calpe, 2008.

Autoria própria

RIESSMAN, Catherine Kohler. *Narrative analysis*. London, Sage, 1993.

SALAMON, Gayle. *Assuming a body: transgender and rethorics of materiality*. New York, Columbia University Press, 2010.